

Blumenau



em cadernos

TOMO XXV

Julho de 1984

Nº. 7

A QUEM DEVEMOS A REGULARIDADE DESTAS EDIÇÕES

A Fundação "Casa Dr. Blumenau", editora desta revista, torna público o agradecimento às empresas abaixo relacionadas que, visando garantir a permanente regularidade das edições de "Blumenau em Cadernos", tomaram a si o encargo financeiro na restauração total das nossas oficinas gráficas que haviam sido parcialmente destruídas nas enchentes de julho de 1983:

COMPANHIA HERING

COMPANHIA TEXTIL KARSTEN

MAFISA — MALHARIA BLUMENAU S/A.

CREMER S/A. — PRODUTOS TÊXTEIS E CIRÚRGICOS

MAJU INDÚSTRIA TEXTIL LTDA.

SUL FABRIL S/A.

COMPANHIA HABITASUL DE PARTICIPAÇÕES

EMPRESA AUTO VIAÇÃO CATARINENSE

LOJAS HERING

COLABORADORES ESPONTÂNEOS

A Fundação "Casa Dr. Blumenau" agradece aos abaixo relacionados que, espontaneamente, contribuíram com recursos financeiros para garantir a estocagem de papel necessário à impressão desta revista durante o corrente ano:

DISTRIBUIDORA CATARINENSE DE TECIDOS S/A.

MOELLMANN COMERCIAL S.A.

TIPOGRAFIA E LIVRARIA BLUMENAUENSE S.A.

EUSCHLE & LEPPER S.A.

CIA. COMERCIAL SCHRADER S.A.

JOÃO FELIX HAUER

MADEIREIRA ODEBRECHT

LINDNER, HERWIG SHIMIZU - ARQUITETOS

MÓVEIS ROSSMARK S.A.

ARTUR FOUQUET

RELOJOARIA SCHWABE

PAUL FRITZ KUEHNRIECH

CASAS BUERGER

IMOBILIÁRIA D. L.

BLUMENAU EM CADERNOS

TOMO XXV

Julho de 1984

Nº. 7

SUMÁRIO

Página

Um pouco do passado	194
“NEUE HEIMAT” Continuam as doações de solidariedade	209
Cinema em Blumenau	210
Novas doações de livros para a nossa Biblioteca	211
Fidelidade absoluta na recuperação do Museu da Família Colonial	213
Autores Catarinenses	214
Aconteceu	215
Do Governador do Estado-Livre da Baviera, ao Prefeito de Blumenau	217
Diário de viagem do imigrante Paul Schwartz	218
O Museu está sendo muito visitado	222
Do Prefeito de “Stuttgart, ao Prefeito Dalto dos Reis	223
Biblioteca “Dr. Fritz Müller” atende em outro local	224

BLUMENAU EM CADERNOS

Fundação de J. Ferreira da Silva

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina
Propriedade da FUNDAÇÃO CASA DR. BLUMENAU

Diretor responsável: José Gonçalves - Reg. nº. 19

ASSINATURA POR TOMO (12 NÚMEROS) Cr\$ 5.000,00

Número avulso Cr\$ 500,00 -- Atrasado Cr\$ 750,00

Assinaturas p/o exterior Cr\$ 8.000,00 mais o porte Cr\$ 3.000,00 total Cr\$ 11.000,00

Alameda Duque de Caxias, 64 - Caixa Postal, 425 - Fone: 22-1711

89.100 - B L U M E N A U - S A N T A C A T A R I N A - B R A S I L

Frederico Kilian, sua vida, suas recordações

José Gonçalves

Estávamos há muito em dívida com nossos leitores desde o nosso nr. 3, de março de 1983, quando, subordinado ao título acima, publicamos as declarações de dona Irma Daupitz, revivendo um pouco do passado.

Hoje, enfim, retornamos àquele propósito, trazendo a entrevista de um dos mais antigos e atuantes moradores de Blumenau e a quem a nossa cultura histórica muito deve: Frederico Kilian, colaborador de "Blumenau em Cadernos" desde sua fundação em 1957.

Nas suas declarações, recordando fatos de um passado muito distante, entremeados de informações biográficas suas, encontramos um retrato de Blumenau e desta região revelado na primeira década deste século até meados da segunda (1906 - 1914) e também após o ano de 1927.

Frederico Kilian nasceu no dia 8 de julho de 1898, portanto há 83 anos em Palhoça. É filho de imigrantes alemães. Seus pais chegaram ao Brasil em 1884, justamente no ano em que o dr. Hermann Bruno Otto Blumenau deixava o país para não mais retornar, indo viver em Braunschweig, Alemanha. Primeiramente os imigrantes que faziam parte

do grupo em que se encontravam seus pais permaneceram por algum tempo na Ilha das Flores. Depois seguiram para Santa Catarina, desembarcando em Laguna. Subiram até Tubarão e de lá foram para Grão Pará, em busca da localidade de Rio Fortuna, onde estava sendo instalada uma nova colônia. Não havia estrada. Eram apenas picadões que penetravam pela floresta a dentro. Os pertences dos emigrantes foram transportados com carro de boi. Ao chegarem no local destinado a eles, nada havia para os abrigarem. Entre as famílias achavam-se diversas crianças que necessitavam de maiores cuidados. Na própria família Kilian, os dois filhos que vieram com os pais eram menores. E a narração de Frederico Kilian para "Blumenau em Cadernos" é feita com a sinceridade e capacidade de expressão que lhe é peculiar, dizendo...

"...Houve muita reclamação daquelas sete famílias de emigrantes, pois os organizadores da colônia apenas haviam feito algumas roçadas para distinguir os lotes a eles destinados, mandando que cada família escolhesse ali o seu lote, deixando-os depois entregues à sua própria sorte. Meu pai Eduardo e minha

mãe Helena, não se fixaram definitivamente naquela colônia. Mesmo que ali tenham permanecido os primeiros anos, onde nasceram mais dois irmãos meus, que foram batizados com o nome de Guilherme e Ernesto, meus pais resolveram mudar-se para mais perto da civilização, já que, desejando, como é natural, educar e instruir seus filhos, era muito difícil, já que as crianças, para chegar à escola mais próxima, teriam que andar através do picadão em plena mata durante cerca de duas horas, o que tornava tudo mais perigoso. Mudaram-se então para a Palhoça, assim como também outras duas famílias de imigrantes que haviam formado o grupo pioneiro.

Na Palhoça minha família permaneceu até o ano de 1920, quando transferiu-se para Florianópolis. Na Palhoça nasceram meus irmãos Carlos, Otto e eu mesmo. Éramos então sete rapazes e uma moça, esta chamada Maria. Meu pai costumava dizer aos amigos quando estes lhe perguntavam quantos filhos possuía, que ele possuía sete filhos e que cada um deles possuía uma irmã. Vinha então a interpretação de que a prole se compunha de 14 filhos, o que não era a realidade, pois, como é natural, Maria era irmã de cada um dos varões. No dia dois de agosto de 1911, deixei meus pais em Florianópolis e cheguei a Blumenau, portanto com a idade de 13 anos. Vim com o objetivo de continuar meus estudos. Havia feito o primário na Palhoça, o complementar na capital, cursando uma escola alemã. Concluídos estes estudos e a confirmação religiosa na igreja

evangélica de Confissão Luterana, vim para continuar meus estudos na então existente Escola Nova, que era escola alemã, a qual achava-se naquela época localizada onde está hoje a Biblioteca "Dr. Fritz Müller". Vim para permanecer somente durante o período de estudos, utilizando uma bolsa de estudos que recebi para tal fim. O objetivo era formar-me naquela escola e então adquirir o direito de viajar para a Alemanha, aonde aperfeiçoaria minha instrução no grau de professor para então retornar a Blumenau ou a outro centro do Estado para lecionar. Para a Comunidade que mantinha as escolas alemãs no Brasil era mais prático preparar professores nascidos aqui, evitando-se a transferência de professores alemães, pois isto ocasionava muito mais despesas, inclusive no que concerne aos vencimentos e aos direitos de aposentadoria, porque tudo era contado em dobro quando lecionavam no exterior, além do aspecto de que a maioria deles acabava emigrando definitivamente, aqui casando quando solteiros, etc... Por exemplo, o pai do almirante Armin Zimmermann, de nome Erich Zimmermann, veio para Blumenau como professor, tendo aqui casado com a filha do sr. Altenburg. Aqui em Blumenau, portanto, nasceram-lhe os filhos, inclusive Armin que, transferindo-se ainda jovem para a Alemanha, ingressou nas forças armadas daquele país, chegando ao posto de almirante e também de comandante-chefe das forças armadas da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), em cujo posto visi-

tou Blumenau em 1974. Na Escola Alemã, cheguei a concluir o curso denominado de "seleta", correspondente ao nosso atual grau médio e que me dava condições de ingressar na universidade alemã para concluir meus estudos e formar-me professor. Também, com este curso, poderia ingressar nas forças armadas alemãs e no prazo de um ano e meio sair oficial de qualquer das armas. Quando ingressei na Escola Alemã, em 1911, Armin Zimmermann já havia viajado para a Alemanha, encaminhado por seu pai, para lá concluir os estudos de grau superior. Fui pensionista na casa do sr. Erich Zimmermann, meu professor, durante o tempo que frequentei aquela escola. O sr. Júlio Zimmermann, irmão de Armin não quis ir para a Alemanha e mais tarde transferiu-se para São Paulo, onde ocupou durante muitos anos a presidência da Câmara de Comércio teuto-brasileira naquela capital paulista. Na Escola Alemã que frequentei, lecionava-se, além do alemão, o inglês e o latim. O sr. Edgar Barreto, que foi meu colega de bancos escolares, cursou aquela Escola, saindo dali direto para a Faculdade de Direito de São Paulo, lá formando-se mais tarde em jurisprudência. Gustavo Busch, irmão de Frederico Guilherme Busch Jr., ex-prefeito de Blumenau, também fez o mesmo curso, ingressando diretamente mais tarde na Faculdade de Medicina da Alemanha, onde formou-se com brilhantismo. Lá casou-se e quando regres-

sava a Blumenau para aqui clinicar, faleceu ao atingir as costas da Bahia, a bordo do navio em que viajava. Carlos Fouquet também foi outro dos alunos daquela escola, tendo daqui saído diretamente para cursar Faculdade na Alemanha, formando-se em filosofia. Ao lado daquela escola alemã, na rua das Palmeiras, existia naquele tempo um prédio que abrigava uma casa de comércio do sr. Puetter, que vinha a ser pai do sr. Max Puetter, antigo funcionário da Empresa Força e Luz Santa Catarina, hoje CELESC, e era casado com a filha do sr. Manoel Barreto, então promotor da comarca local e, portanto, era cunhada de Edgar Barreto. No ano de 1918, quando foi posto à venda o terreno situado no alto da atual rua Floriano Peixoto, onde hoje encontra-se o Centro Educacional Pedro II, terreno que pertencia ao sr. Altenburg que possuía uma casa comercial onde hoje encontra-se a Casa Moellmann, o sr. Victor Konder aconselhou os diretores da Comunidade Escolar alemã, entre estes o sr. Curt Hering, para que adquirissem aquele terreno e lá construíssem a nova escola alemã. A transação foi feita, enquanto que a Sociedade de Ginástica de Blumenau adquiria a parte baixa do terreno, no qual construiu mais tarde a sede onde se praticava toda sorte de ginástica. O sr. Altenburg, vendedor do terreno, residia numa casa com frente para a Alameda Rio Branco, casa esta que até há uns dez ou quinze anos passados

E. A. V. CATARINENSE

Acha-se integrada na história do pioneirismo dos transportes coletivos em SC

estava sendo ocupada pelo Fórum da Comarca de Blumenau. Primeiro serviu de pensionato aos alunos que freqüentavam a Escola Alemã, vindos de outros municípios do Estado. Uma das características da Escola Alemã desde sua criação, era a de não fazer discriminação religiosa, embora pertencesse à Comunidade que agrupava quase que somente pessoas de religião evangélica. Isto era condição imposta pelo Dr. Blumenau quando fez doação do terreno para a Escola Alemã, de que ela abrigasse alunos de qualquer religião cristã.

Após concluir meus estudos na Escola Nova, eu que não tive a oportunidade de continuá-los na Alemanha mediante convênio que então existia, em face da situação mundial causada pela primeira guerra, resolvi permanecer na região e desenvolver minhas aptidões de professor. Existia, na época, disseminadas pelo Vale do Itajaí, especialmente nas regiões de Warnow e de Indaial, algumas escolas isoladas pertencentes à sociedade comunitária de alemães, ou seja, a "Schule-verein". Estas sociedades entravam em contato com a Escola Alemã e desta recebiam as indicações dos professores formados em pedagogia, portanto aptos a iniciarem naquelas escolas isoladas. Em Indaial havia sido feita uma união entre as escolas isoladas de Carijós, formando uma só escola reunida de três classes. Fui contratado para lecionar naquela escola, passando a ensinar português, educação física e canto orfeônico. Os demais professores daquela escola só ensinavam alemão. O canto orfeônico que eu ensinava era o do Hino do Esta-

do de Santa Catarina e do Hino Nacional. Eu conhecia bem melhor o Hino do Estado do que o Hino Nacional, porque, quando estudei na Palhoça, em escola estadual, lá era dada prioridade ao Hino de Santa Catarina, embora também cantássemos o Hino Nacional. Tanto assim que antes do início das aulas, diariamente, era cantado o Hino de Santa Catarina. E semanalmente também cantava-se o Hino Nacional. O Hino do Estado é muito belo e de grande efeito cívico. Foi composto, tanto letra como música por dois catarinenses, um deles o prof. Nunes Pires.

Na escola de Indaial em que passei a lecionar, ensinava-se português e Alemão, apesar de a mesma ser conhecida como escola alemã. Foi quando também introduzi na escola o canto do Hino do Estado de Santa Catarina e o Hino Nacional, que faziam parte do meu currículo de ensino na mesma escola.

Em novembro de 1917, o Brasil entrou na guerra. Fecharam então todas as escolas alemãs. Eram tidas como escolas alemãs porque nelas ensinava-se também o alemão. O governo do Estado tinha na ocasião, como orientador das escolas, o professor Orestes Guimarães, que mais tarde foi o diretor do Grupo Escolar Luiz Delfino de Blumenau. Orestes Guimarães, quando ainda era inspetor escolar, quando fazia inspeções pelo interior de Florianópolis, utilizava o carro de meu pai, que possuía carruagens de aluguel. Eu era menino e lembro-me que Orestes Guimarães aconselhou várias vezes a meu pai para que me mandasse para boas escolas afim de que eu me

formasse. Assim, quando chegamos ao ano de 1917 e com o Brasil na guerra, as escolas foram fechadas e perdemos o nosso emprego. Claro que eu, Frederico Kilian, estava entre os professores desempregados. Com as escolas fechadas as comunidades não puderam mais pagar os professores.

Então fui a Florianópolis, munido de todos os meus documentos, boletins escolares, diplomas, etc., que de nada serviram como justificativa para me nomear professor de escolas estaduais. Exigiram que me submetesse a um concurso, com o que concordei e fiz os exames, sendo aprovado plenamente. Havia muitas escolas aguardando professor. Podíamos escolher a que desejassemos. Quis escolher a de Warnow, mas esta já se achava preenchida pelo professor João Mosimann, hoje de saudosa memória. Como eu queria estar mais perto de Indaial, optei pela escola de Salto Weissbach. Passei a lecionar e nesta ocasião deu-se um caso muito interessante. Todos os meses eu enviava o boletim do mês ao chefe escolar do município, o sr. Francisco A. de Oliveira Margarida, que vem a ser o avô do nosso conhecido Benjamim Margarida. O sr. Margarida, além de chefe escolar era Escrivão de Órfãos e um dos chefes políticos. Eu tinha que entregar uma cópia do Boletim ao sr. Margarida e outra à Secretaria de Educação em Florianópolis. O visto do sr. Margarida no Boletim era uma espécie de autorização para que eu recebesse o meu soldo na Coletoria Estadual. Todavia, ao

receber o primeiro Boletim de minha escola localizada em Salto Weissbach, o sr. Margarida devolveu-me o mesmo com um pequeno memorando, em que dizia que devolvia o Boletim porque o mesmo não correspondia à realidade. E dizia textualmente: "eu devolvo o Boletim ao professor que parece preferir o nome alemão de Salto Weissbach ao nome brasileiro de "Ribeirão Branco". Eu então, atendendo às exigências do sr. Margarida, alterei o Boletim e escrevi Escola Estadual de Ribeirão Branco. E então o sr. Margarida deu o visto. Mas, da Secretaria de Educação, eu tive a surpresa de receber em devolução o Boletim, com um memorando dizendo que eu havia sido nomeado para a Escola de Salto Weissbach e não de Ribeirão Branco e que portanto devia mandar o Boletim da Escola de Salto Weissbach. Fui ao Dr. Victor Konder, que era muito amigo do sr. Margarida e apresentei-lhe o problema. O Dr. Victor Konder me aconselhou: "a gente amarra o burro de acordo com a vontade do dono", disse ele. O sr. envia um Boletim ao sr. Margarida com o nome de Ribeirão Branco e o outro que vai para a Secretaria de Educação, com o nome de Salto Weissbach, resolvendo o seu problema e satisfazendo a todos. E assim ficou resolvido o impasse. Segui o conselho de Victor Konder.

Na escola de Salto Weissbach, lecionei apenas um ano. Em face dos magros vencimentos que me eram pagos, assim como a todos os professores na época, cheguei à conclusão de que não

havia condição alguma de constituir família e mandar meus filhos estudar. Recebia o pagamento mensal de noventa mil réis, de cuja importância era descontada a taxa de 20% de nomeação, cu sejam dezoito mil réis, restando-me assim um líquido de setenta e dois mil réis.

Pagava trinta mil réis mensais de pensão. Sobravam quarenta e dois mil réis. Destes, pagava ainda cinco mil réis de lavagem de roupa e ainda tinha que cuidar bem do vestuário, já que o uso de paletó e gravata diariamente era uma exigência. Sobravam trinta e sete mil réis. Enquanto um professor recebia apenas noventa mil réis por mês e tinha todas estas despesas, um boleeiro, um trabalhador que dirigia carroça transportando carga, ganhava na mesma época sessenta mil réis livre de todas as despesas de casa e comida e não tinha que vestir-se a rigor como os professores. Fiquei amargurado com o fato de ter que estudar tantos anos, sacrificando o conforto do meu próprio pai, no custeio dos estudos, para depois não ver reconhecido o valor desta dedicação, ao receber tão míngua dos vencimentos. Resolvi então demitir-me e tentar a vida de outra maneira. Falei com o sr. Frederico Mueller, em cuja residência havia morado durante os dois anos em que lecionara na escola alemã reunida de Indaial e que agora estava morando na casa da irmã do mesmo em Salto Weissbach, dizendo-lhe que iria embora, que pretendia transferir-me para Florianópolis, que meu cunhado possuía na capital uma indústria e que então iria tentar a sorte por lá. O sr. Frederico Mueller en-

tão me propôs que ficasse trabalhando consigo, como escrevente, no seu cartório, com os vencimentos mensais de cem mil réis livres de casa e comida. Ante a boa proposta, resolvi ficar em Indaial, como escrevente do cartório do sr. Mueller. E então começou minha carreira no setor jurídico. Por lá fiquei até o ano de 1922, quando o sr. Victor Konder me mandou chamar para oferecer-me o cargo de escrivão no distrito de Massaranduba, ocupando vaga deixada pelo antigo escrivão que havia pedido transferência para Barra Velha. Naquele tempo, Massaranduba era um pequeno e isolado distrito de Blumenau. O progresso ainda não havia chegado lá com o mesmo vigor de outras localidades. Fui para lá como escrivão efetivo, lá permanecendo cinco anos. Depois deste tempo, tendo se dado uma vaga em Blumenau com a aposentadoria do sr. Francisco Margarida, fiz concurso e fui nomeado para o cargo, aonde permaneci até o ano de 1953, no mês de dezembro, quando fui aposentado. Portanto, trabalhei no cartório de Blumenau desde o ano de 1927 até 1953. No ano de 1922, antes de seguir para o distrito de Massaranduba, contraí núpcias com a filha de Frederico Mueller, meu ex-patrão e de nome Gertrudes, no dia 5 de abril de 1922. Casei, portanto, com a idade de 24 anos”.

Retornando um pouco mais ao passado, Kilian reviveu em sua memória o que era Blumenau a partir do ano de 1906 quando aqui chegou para estudar na Escola Alemã. E diz: “Lembro-me da maioria das casas então exis-

tentes ao longo da rua 15 de novembro. O prédio do Hotel Horetz era de construção recente e representava o cartão de visita da cidade. O proprietário dera seu nome ao hotel. Mas, o projeto do prédio, segundo me parece, foi elaborado pelo engenheiro-arquiteto Krohberger que também foi o autor dos projetos das igrejas católica (primitiva) evangélica (atual). Krohberger também foi autor de outros importantes projetos, como por exemplo do Teatro Frohsin e outros mais. O prédio em que durante muitos anos esteve instalada a firma Roberto Grossenbacher, hoje uma filial do Bradesco, já existia e teria sido construído em 1903. O jornal "Der Urwaldsbote", do sr. Artur Koehler, funcionava bem em frente do atual prédio ocupado pela Tipografia Blumenauense. Ao lado da pequena casa em que funcionava aquele jornal, encontrava-se a sede do Clube Germânia. Em face da grande rivalidade (inclusive política) existente entre os dois jornais que circulavam em língua alemã, — o "Der Urwaldsbote" e o "Blumenauer Zeitung", houve uma série de calúnias contra o sr. Artur Koehler quando este construiu o prédio que hoje ainda existe e no qual funciona a Tipografia Blumenauense.

Caluniavam-no afirmando que Koehler havia utilizado dinheiro recebido da Alemanha destinado à reconstrução do município vitimado pelas enchentes de 1911. Isto representava uma grande injustiça e vergonhosa calúnia, pois sendo Artur Koehler sobrinho de Hermann Hering, seu tio lhe proporcionou parte

dos recursos, para o que Koehler empenhou sua propriedade à Cia. Hering como garantia e assim conseguiu construir o prédio que passou a abrigar as oficinas do jornal de sua propriedade. O Clube Germânia funcionava justamente no local em que hoje se constrói um prédio, ao lado da travessa que liga a Rua 15 à beirário, que tem em frente o prédio em que se acha a Habitasul. Outra construção que, na época existia, desde que cheguei em Blumenau, era a do Hotel Pauli, aonde hoje encontramos instaladas as Casas Pernambucanas. Este hotel, foi, mais tarde, quartel da Nona Companhia de Metralhadora Pesada. O 55º Batalhão de Caçadores que esteve aqui por volta de 1910, do qual faziam parte 27 rapazes blumenauenses, que se alistaram como voluntários de manobra, praticando exercícios num período de quatro a cinco meses, recebendo no final o certificado de reservistas, estava aquartelado numa construção existente na atual Rua Ângelo Dias, situada aonde mais tarde foi instalada a oficina mecânica da Casa do Americano. O prédio pertencia ao sr. Lenzi. Possuía uma grande varanda na frente, sob um telhado inclinado. Naquele prédio funcionou, mais tarde, a redação e oficinas do jornal "A Cidade de Blumenau". Nas proximidades daquela casa, do outro lado da rua, existia um hotel.

Na Rua 15 de Novembro, proximidades da atual Farmácia Carolinense, existia o Hotel Moser, pertencente ao sr. Erminio Moser. Um pouco mais acima, existia o Hotel Boa Vista, enquanto

que, na esquina da Floriano Peixoto com a rua 15, como já foi dito, estava o Hotel Pauli. Anteriormente, aquela casa não era hotel, pois o sr. Reinhold possuía carruagens de aluguel e por isso utilizava grande área do terreno anexo, ao longo da Floriano Peixoto, para acomodar os animais e as carruagens que durante o dia e parte da noite prestavam serviços de aluguel.

O Hotel Pauli localizava-se aonde hoje estão as Casas Pernambucanas. No outro lado da rua, local em que se encontra hoje o Edifício Visconde de Mauá, morava o sr. Tomé Braga, que era advogado. Ali também mais tarde, havia uma sala reservada para uso da Secretaria do Aero Clube de Blumenau. No mesmo prédio, teve início a primeira central telefônica de Blumenau. No local em que se encontra hoje o Banco Itaú, que já foi também o local do antigo prédio do Banco Inco, existia, antes deste, uma casa em que residia um ferreiro e que se achava bem à beira de um barranco muito alto que fazia extrema com o rio Itajaí. Depois que o ferreiro, cujo nome não me ocorre no momento saiu, a casa foi ocupada pelo sr. Augusto Werner, que, além de exercer a profissão de barbeiro, era regente de uma banda musical, que ficou conhecida como Capelle Werner. Mais tarde então o Banco Inco comprou o terreno e já construiu a sede da agência do Inco em Blumenau. Onde hoje está o Banco do Estado do Rio de Janeiro, que já pertenceu também à Mutua Catarinense de Seguros, morava o sr. Max Kreutz que era fabricante de guarda-chuva. A propósito, ocorre-me um

caso muito pitoresco acontecido naquela época com o sr. Max Kreutz. Além de fabricante de guarda-chuva, ele era tesoureiro do Sindicato Agrícola. Além do sr. Kreutz arranjar sementes para os agricultores, importando-as de diversos lugares, alguém, não me lembro quem, disse ao sr. Kreutz que em lugar de ir buscar o guano animal para servir de adubo e que era importado do Chile, e recolhido nas ilhas do Pacífico, produzido pelas aves lá existentes, cuja finalidade era a de adubar a terra e produzia excelentes resultados, que ele devia adquirir guano nacional que era vendido no Rio de Janeiro. Então o sr. Kreutz encarregou um comandante de um dos navios que aportavam em Itajaí, para que comprasse guano nacional e o transportasse para Blumenau. Naquela época, no Rio de Janeiro, ainda não havia um perfeito serviço de esgoto. Por isso, o excremento humano era recolhido em latões, como há algumas dezenas de anos atrás ainda se praticava em Joinville. No Rio de Janeiro, os presos recolhiam aquele excremento, secavam-no e o vendiam como adubo. O sr. Kreutz, então, mandou vir alguns sacos daquele adubo nacional, o qual veio por um vapor. Já em Itajaí, houve um sério problema para descarregar a mercadoria, devido ao mau cheiro que exalava, ainda porque parece que alguns sacos haviam sido molhados por chuva. Finalmente, após algumas dificuldades, a carga foi depositada numa das chatas que o vapor Progresso rebocou até Blumenau. Um senhor chamado Germer, que possuía carroça de aluguel, foi então contrata-

do pelo sr. Kreutz que já havia percebido a tragédia daquela importação nacional. O guano nacional que fedia muito foi transportado até os fundos do terreno do sr. Max Kreutz e ali enterrado, para evitar a proliferação da fedentina, já que não era mais do que escremento humano. Ao lado do atual Banco Itaú, onde hoje está o edifício Schadrack, havia um outro edifício que pertencia ao pai dos srs. Udo e Ralf Schadrack, ambos também hoje falecidos. Seu nome era Ferdinando ou Eduardo Schadrack. Naquela casa do sr. Schadrack, morou o sr. Hercilio Luz, que naquela época era diretor do serviço de medição de terras. O sr. Amadeu da Luz, seu filho, nasceu naquela casa. Como se sabe, o sr. Amadeu da Luz foi, mais tarde, Juiz de Direito desta Comarca. Em frente daquela casa do sr. Schadrack, achava-se a sua casa de negócios, especializada em material para sapateiros e celeiros, mais ou menos o que vende hoje a Casa Brueckheimer. Entre os objetos que vendia, estavam aquelas tachas ou tornos e madeira, com a qual pregava-se a sola do sapato. E sua duração e resistência era bem maior do que se a sola fosse fixada com pregos ou tachas de ferro, porque os tornos de madeira não enferrujavam e se fixavam melhor no couro da sola do sapato. Naquela casa que pertencera ao negócio do sr. Schadrack, funcionou mais tarde a primeira filial da firma Prosdócimo, com venda de

bicicletas. Depois do edifício do sr. Schadrack, morava o sr. Hiendelmayer, que era fabricante de artefatos de cobre, como tachos, caldeiras e alambiques para destilar cachaça. Era o único na época que sabia fabricar tais alambiques. Este senhor, cujo filho se chamava Bruno, vinha a ser o avô do sr. Félix Hiendelmayer, há pouco falecido e pessoa que foi muito conhecida em Blumenau, especialmente no quadro de associados do Clube Náutico América, do qual era ardoroso defensor. O sr. Hiendelmayer, pai de Bruno, era também sogro do sr. Jean Romain Bonnemassou, de larga projeção social e comercial naquela época. Ao lado do sr. Hiendelmayer, achava-se residindo um sr. de sobrenome Rotbarth, enquanto que, do outro lado, aonde mais tarde achava-se o edifício Livonius, cuja casa ainda lá está, residia o sr. Eugenio Curlin, que possuía uma livraria. Mas antes da livraria, o sr. Paul Husadel estava ali instalado com a sua primeira relojoaria. Depois o sr. Paul Husadel mudou-se para onde ainda hoje funciona a Casa Husadel. Esta Casa Husadel, deve ter sido construída mais ou menos no ano de 1906. Um pouco antes da Casa Husadel, no local achava-se durante muitos anos a Casa Kander. Isto aonde hoje está o Banco do Estado do Paraná. No local em que está hoje a Loja Hering, estava anteriormente a casa de comércio que pertenceu ao sr. Hermann Hering, fundador da Cia.

CIA. HERING O pioneirismo da indústria têxtil blumenauense e a marca dos dois peixinhos, estão integrados na própria história da colonização de Blumenau e o conceito que desfruta no mundo todo é fruto de trabalho e perseverança em busca do aprimoramento de qualidade.

Hering. O sr. Hermann Hering, antes de iniciar a atividade no ramo têxtil, possuía um pequeno bar, que na época chamava-se mais popularmente de boteco. Isto antes que a sua família chegou da Alemanha. Depois que a família chegou, o sr. Hermann Hering comprou o primeiro tear e iniciou as atividades têxteis. E então iniciou a fabricação de artigos de malha, como camisas, camisetas e outros artigos especialmente para os agricultores, por ser artigo forte e resistente. As filhas de Hermann Hering encarregavam-se da confecção do tecido. No local ao lado, hoje também ocupado pelas Lojas Hering, estava o Hotel Gross, de Oscar Gross. Naquele hotel, existia uma ampla sala de bilhar e também reuniam-se vários cidadãos em torno de uma mesa para tomar sua cerveja ao anoitecer. Era local muito freqüentado. O sr. Paul Hering, inspirado artista da pintura, filho de Hermann Hering, morou mais tarde bem em frente àquele hotel, no local em que funcionou mais tarde a Farmácia Brandes. Lembro-me de um fato divertido que aconteceu na época entre o sr. Artur Koehler, proprietário do jornal "Der Urwaldsbote" e o sr. Paul Hering. Eles eram amigos, mas quando podiam dar uma rasteira um no outro, não perdiam a oportunidade. Um dia o sr. Artur Koehler imprimiu na página destinada às notas locais, uma nota deprimente contra Paul Hering. Era terrivelmente desmoralizadora. Logo que recebeu o jornal, Paul Hering procurou, como de costume, a página de notas locais, que era sempre a primeira a ser lida. E então deparou com

aquela maledicência do seu amigo Koehler. Dirigiu-se com o jornal ao "stam-tich", local em que se encontravam os amigos dos encontros diários, no Hotel Gross, atirou o jornal sobre a mesa, dizendo: "Estou arrasado. Vejam o que este jornal publicou contra mim. E então todos foram tomando conhecimento da nota. Um dos presentes, pediu o jornal, mas como outros estavam lendo, lembrou-se de que ele estava com um jornal no bolso. Abriu-o procurando a nota, mas nada encontrou. E disse: "Aqui não tem nota nenhuma!". E então todos constataram que o sr. Koehler havia impresso um único jornal com aquela nota maldosa, mandando entregar o exemplar ao seu amigo Paul Hering. Todos caíram na gozação, por terem ficado sabendo o que não precisavam, em face do Paul ter-lhes mostrado o único exemplar com a nota. No local em que hoje acha-se a Loja Comercial Brandes & Reinert, a casa é a mesma, e é uma das mais antigas hoje existente na Rua 15 de Novembro. A mais antiga recentemente desaparecida e que deu lugar ao atual prédio do Bradesco, era aquela em que residiu o sr. Gustav Baumgart, que vem a ser o pai do famoso engenheiro-arquiteto Emil Baumgart. Depois do sr. Baumgart, que por sinal era casado com uma filha do engenheiro Emilio Odebrecht, de nome Matilde, morou naquela casa, durante muitos anos, o sr. Roberto Grossenbacher. Desta forma o engenheiro Emilio Odebrecht, vinha a ser avô do engenheiro Emil Baumgart. — Ao lado daquela casa, hoje Bradesco, havia a residência do sr. Krasich. Lembro-me que, certa vez, houve

um surto de varíola naquela casa. E então dois policiais ficaram montando guarda para que ninguém passasse pela calçada afim de não ser contaminado pela doença, já que não havia um hospital nem isolamento. E então o paciente foi tratado na própria casa. Não sei se o doente faleceu ou não. Do lado da barranca do rio, nada existia num longo trecho. Mas do outro lado, construiu-se a casa do sr. Freygang, onde hoje estão as Lojas Cleide, na esquina da rua Padre Jacobs. Naquela casa morou a sra. Margarida Freygang, muito conhecida por ter sido professora durante longos anos. A sra. Margarida Freygang morava numa casa que se localizava onde hoje está a firma Prosdócimo e onde mais tarde também morou o sr. João Borba, conhecido por Joca Borba, que vem a ser pai do nosso conhecido João Borba, desembargador do Tribunal de Justiça do Estado. Depois vinha o terreno que era quase só barranco, que foi adquirido na época pelo sr. Carl Wahle, que depois construiu o prédio até há pouco existente e onde possui livraria durante muitos anos. Na época dizia-se que o sr. Carl Wahle fora louco em comprar aquele terreno, pagando quinhentos mil réis por metro de frente. Em frente deste terreno estava, no alto, a Igreja, a antiga e, ao lado, onde hoje acha-se a praça que dá acesso à ponte "Adolfo Konder", existia o Hotel São José. Onde hoje é a Casa

Moellmann, entre a Rua 15 e a Avenida Castelo Branco, era a casa pertencente ao sr. Luiz Altenburg. Antes pertencera ao sr. Henrique Grevsmuhel. Portanto, aquela casa ficava situada ao lado do Hotel São José. A casa comercial dos Altenburg, era especializada em ferragens. O administrador da casa era o sr. Luiz Altenburg, que era casado com uma das filhas do Eng^o. Emilio Odebrecht, de nome Helena. Em 1918, a firma fechou suas portas, tendo a firma Moellmann, de Florianópolis adquirido aquela casa. Mais tarde, a firma Moellmann dissolveu-se, tendo então o sr. Ernesto Stodieck, junto com seu irmão e o sr. Udo Schadrack, assumido o ativo e passivo e dali até hoje está em franco desenvolvimento a Casa Moellmann S/A. Ao lado da primitiva Casa Moellmann, existia a Casa Flesch, de José Maria Flesch, cujo prédio também foi mais tarde anexado à Casa Moellmann. Flesch era dentista e também comercializava com artigos dentários em geral. Em frente da Casa Flesch, morava um sr. de sobrenome Veiga, cujo primeiro nome não me ocorre. Ele era telegrafista. Foi o segundo telegrafista chegando a Blumenau, já que o primeiro fora um senhor originário de Tijucas e que era conhecido por um apelido semelhante a "Coroca" ou "Cocoroca", não me lembro bem. A casa do telegrafista localizava-se no terreno que é pátio de estacionamento, hoje, da

MAFISA Uma etiqueta facilmente encontrada em todo o comércio brasileiro. O aprimoramento constante do que produz, tornou MAFISA tão obrigatório o uso dos seus produtos quanto o desejo dos brasileiros de conhecer Blumenau e seu povo.

Casa Moellmann. Ao lado desta, um pouco mais acima, havia outra casa na qual funcionou, por muitos anos, a Caixa Econômica Federal.

Após a casa do sr. José Maria Flesch, vinha a casa dos Irmãos Rabe. Tratava-se de Artur e Rodolfo Rabe. Era uma casa comercial e para se chegar no seu interior era preciso subir alguns degraus desde o passeio. Em frente àquela casa, ou seja, do outro lado da rua, onde hoje está o prédio do INPS, havia a casa residencial do sr. Fides Deeke. No local em que se encontra hoje o Teatro Carlos Gomes, existia uma casa residencial que pertencia ao sr. Niedstedt, que era casado com uma irmã dos srs. Artur e Rodolfo Rabe. Mais adiante havia a casa do sr. Ladenslein, do lado direito que sobe a Rua 15 de Novembro, casa na qual durante muito tempo o dr. Odebrecht possuía um escritório juntamente com o dr. Edgar Barreto. Parece-me que na mesma casa também funcionou a redação do jornal "Blumenauer Zeitung". Do outro lado, onde hoje o Banco Itaú tem sua nova agência, morava o sr. Felipe Doerner, que durante muitos anos atuava na advocacia, embora não fosse formado, mas era muito inteligente e também foi intérprete juramentado. No local em que se acha hoje a Rua Namy Deeke, havia o "Canal do Peters", um canal aberto, que era conhecido por "Peters-Canal". No terreno em que está hoje a agência do Banco do Brasil, havia uma casa e dois pavimentos, na qual morou durante muitos anos o sr. Jean Romain Bonnemasou e mais tarde morou na mesma casa o sr. Artur Rabe.

Naquele tempo, a casa ficava situada em plano alto, porque, para atingi-la, subia-se um pouco. Depois que a demoliram para construir o Banco do Brasil, aquela elevação foi aplainada. Em frente ao atual Banco do Brasil, nada havia a não ser barranca do rio. Um pouco mais acima, mais ou menos em local frente à atual Loja Arapuã, o sr. Frederico Guilherme Busch Sênior possuía uma casa de negócios e foi ele um dos primeiros a exportar manteiga fabricada no município de Blumenau, assim como ovos. Fazendo agora um retrospecto da imagem da Rua 15, lembro-me que, na casa em que hoje ainda funciona a loja Brandes & Reinert, residia um sr. de nome Hermann Hering, que nada tinha de parentesco com o outro Hermann Hering, fundador da Cia. Hering. Um filho deste senhor chamado Hermann Hering, foi pioneiro na exportação de galinhas vivas para o Rio de Janeiro. Naquela época, como não haviam frigoríficos ou outro meio de conservação de aves abatidas, aquele senhor juntava as galinhas em gaiolas de madeira, descia com o vapor Blumenau até Itajaí e dali tomava um vapor que o levava até o Rio de Janeiro, aonde as vendia por bom preço, com bons resultados financeiros portanto. — Mas, voltando ao caso do sr. F. G. Busch Sênior, que era o pai do sr. Frederico G. Busch Jr., ex-prefeito de Blumenau, aquele senhor exportava diversos produtos coloniais, entre os quais manteiga, ovos e banhas. Isto acontecia a partir da primeira década do século, tendo se iniciado por volta do ano de 1906. Quando cheguei a Blumenau em

1911, o negócio do sr. Busch estava em pleno desenvolvimento. Foi ele também que instalou em Blumenau a primeira fábrica de fósforos, foi o primeiro que montou um estaleiro para construção de barcos, portanto, o primeiro que construiu um vapor para o tráfego iluvial entre Blumenau e Itajaí. Era um barco movido com duas hélices que, assim, fazia o trajeto entre Blumenau e Itajaí mais rapidamente, suplantando, portanto, em velocidade os outros vapores que faziam o mesmo serviço de cargas e passageiros, como era o caso dos vapores "Progresso" e "Blumenau". Este vaporzinho, se denominava de "Gustavo". O estaleiro em que foi fabricado aquele vaporzinho, é aquele aonde hoje se encontra o serviço de informações turísticas, ao lado da praça Dr. Blumenau. Na mesma casa em que o sr. F. G. Busch possuía sua casa de negócio, mais tarde o sr. João Borba também instalou-se com casa comercial. Mais tarde, foi ocupada aquela casa com a Padaria Schmidt. No local de terreno baldio ao lado da Utilitar, separado desta pela rua que liga a beira rio à Rua 15 de Novembro, foi construído, pelo sr. Walter Voss, o Hotel Elite, que foi durante muitos anos, o hotel mais bem instalado de Blumenau bem como o mais moderno. Subindo a Rua 15, lembro-me da casa em que trabalhava o fotógrafo Alfredo Baumgarten. A casa ficava situada aonde hoje encontra-se a Coletoria Estadual. Do outro lado, não havia nada, só a baranca do rio.

Mais adiante, do mesmo lado da casa do fotógrafo, mais ou menos aonde se acha hoje a agência do

BESC, residia um cidadão de nome Schmurr, que, além de possuir uma vidraçaria, era também fotógrafo. Lembro-me ainda que, entre a atual agência do Banco do Brasil e a casa do fotógrafo Alfredo Baumgarten, existia outra casa na qual morava o dr. Manoel Barreto que foi durante muitos anos, promotor público da comarca. O dr. Manoel Barreto veio de Tubarão, casado com uma parente dos Bayer e Bromberg. Morou muitos anos naquela casa. Possuía os filhos Edgar Barreto, Otto Barreto que era farmacêutico, os gêmeos Antônio e Érico, o Cid, a Clotilde que era esposa do sr. Max Puetter, cujo pai possuía uma casa comercial justamente aonde se encontra hoje a Biblioteca Dr. Fritz Mueller, sendo que, bem em frente aonde hoje está o prédio da antiga Casa Koffke, havia o Hotel Schrepp, aliás, o hotel ficava entre a antiga Casa Koffke e a atual sede da CELESC. O prédio da esquina, que depois foi do sr. Carlos Koffke, pertencia na época ao sr. Sachtleben. Naquele hotel, ficou registrado um fato histórico, quando, por volta dos anos 1892 ou 1893 houve um tiroteio violento por questões de movimentos políticos, ocasião em que foi preso o sr. Hercílio Luz e o tiroteio foi dirigido contra o salão, aonde realizava-se um baile e ficava no andar superior da casa.

Blumenau desenvolveu-se mesmo em forma de um cogumelo após os festejos do centenário, em 1950. Até então havia conservado, desde as primeiras décadas do século, aquele aspecto colonial. Depois de 1950 começaram a surgir os prédios maiores, tendo algumas casas típicas dado lugar

aos arranha-céus e assim Blumenau foi perdendo aquele aspecto de cidade do interior. Mas, retornando ao passado, quando da minha ausência de Blumenau, devo dizer que, ao deixar de lecionar, quando completei a idade para servir o exército, fui cumprir meu dever. Depois de haver retornado a Indaial, me transferi para Massaranduba e em 1927 voltei definitivamente para Blumenau, para ocupar a vaga de escrivão de órfãos nesta cidade, para o que fiz concurso e fui nomeado, permanecendo aqui em Blumenau a partir de então como escrivão. Primeiramente residi na rua Itajaí, pouco abaixo da Sul Fabril, onde hoje reside o sr. Koch, com venda de bebidas. A propriedade era do sr. Radtke. Depois, após o falecimento do sr. Otto Stutz, comprei dos herdeiros as partes e então me transferi para a casa aonde hoje é o escritório da Sul Fabril. Ali residi até 1932, quando mudei-me para a Alameda Rio Branco, residindo na nova casa adquirida, até 1971, quando a vendi e comprei na Garcia. Lá ficou residindo meu filho, enquanto eu e minha esposa fomos morar na Penha, à beira-mar, lá permanecendo durante uns três anos. Com a enfermidade sofrida por minha esposa, retornei a Blumenau. Há quatro anos ela faleceu.

Retornando ainda à época em que estive morando em Massaranduba, devo dizer que, durante o tempo em que lá morei, dediquei-me bastante a colaborar nos meios sociais e esportivos. Lá chegando, verifiquei que a maior diversão daquela gente era jogar skat. Resolvi incentivá-los a fundar sociedades. Tanto assim que colaborei na fundação de dois clu-

bes de caça e tiro, além de uma sociedade recreativa. Com isto, reunindo outras sociedades de tiro já existentes em outras regiões do município, fundamos uma federação de Tiro, do vale de Massaranduba, incluindo Vila Itoupava-Itoupava Rega, Braço do Sul e Pomerode. E então realizávamos as competições inter-clubes e torneios gerais, fazendo rodizio entre os clubes que serviam de anfitriões. Assim, algumas das sociedades de Tiro, como o de Massaranduba Central, possuem mais de 50 anos, já que esta sociedade foi fundada em 1923.

Quando em Massaranduba, eu já me dedicava ao jornalismo e à pesquisa histórica, tanto assim que lá eu era correspondente do jornal "Der Urwaldsbote", atividade que exerci durante todos os anos que lá morei. Lembro-me também que, quando frequentei a escola alemã, ao chegar a Blumenau em 1912, não havia nenhum professor brasileiro naquela escola. Eram todos vindos da Alemanha. Por isso, as primeiras professoras brasileiras que atuaram naquela escola vieram mais tarde e foram elas: Alice Schwartz, que vinha a ser filha do sr. Paul Schwartz, cujo diário de viagem e estada na colônia Ithajay, está sendo publicado atualmente na revista "Blumenau em Cadernos", assim como a sra. Juti Baumgarten. Estas foram as primeiras professoras brasileiras daquela escola.

Mas, voltando às minhas atividades no jornalismo, devo dizer ainda que colaborei com "Blumenau em Cadernos" desde a sua fundação. Talvez muitos não saibam que os primeiros números desta revista histórica foram im-

pressos em Curitiba, pois o prof. José Ferreira da Silva residia na capital paranaense em 1957. Assim, eu que colaborei desde o primeiro número, enviava os originais de meus trabalhos para Curitiba, assim como faziam outros colaboradores que o José Ferreira havia arrematado para auxiliá-lo no importante trabalho de editar esta importante revista que já possui 26 anos de circulação. Além de colaborar em "Blumenau em Cadernos", também dediquei-me ao trabalho de correspondente do jornal "Brasil Post", o que faço ainda hoje, embora mais raramente. Mas, agora há pouco ainda enviei notícias para aquele jornal de São Paulo, relatando o que foi a homenagem ao sr. Udo Schadrack, no Horto Florestal da Prefeitura, assim como o plantio, pelo município, de tangerinas ao longo da Rua Humberto de Campos, como também a passagem do 86º aniversário do sr. Kurt Lischke pessoa muito benquista em Blumenau e que vive ainda com muita disposição.

Pretendo, em breve, publicar

em "Blumenau em Cadernos", a biografia de uma das figuras mais destacadas nos meios culturais de nosso Estado e de São Paulo. Trata-se de Carlos Fouquet, fundador do Instituto Hans Stadt, daquela capital, autor de um valioso livro biográfico sobre o Dr. Blumenau e de tantas outras importantes obras que têm enriquecido o acervo histórico do Brasil. Enquanto tiver a força e a disposição que possuo hoje nos meus 86 anos, desejo continuar produzindo. Desde que me aposentei, tenho procurado viver ocupado, mas nunca preocupado. Assim, tenho liberdade plena de ação, dando à minha mente a ocupação útil de trabalhos que auxiliam a manter minha capacidade produtiva em plena forma. Enquanto tiver a disposição, pela qual hei de lutar muito, continuarei a prestar minha colaboração não só à nossa revista como a tudo o que for útil e objetivar a preservação da nossa história dentro do jornalismo que faço com prazer e entusiasmo.

BANCO DO ESTADO DE SÃO PAULO S. A.

banespa

Um dos colaboradores nas edições desta revista

“NEUE HEIMAT” -

Continuam as doações de solidariedade

Alfredo Wilhelm

Por iniciativa da “Nova Pátria” (Neue Heimat) — sociedade cultural alemã com sede em Berlim, capital da República Democrática Alemã — a Prefeitura de Blumenau recebeu no ano passado, ano das catastróficas enchentes, as mais diferentes doações para ajudar a cidade tão duramente atingida pelas cheias. Destacamos aqui a doação dum **barco inflável** (posteriormente entregue pelo Prefeito ao Corpo de Bombeiros de Blumenau); **maletas médicas** (entregues a Cruz Vermelha e aos Centros Sociais); **livros** (para a Biblioteca Dr. Fritz Mueller); **objetos artesanais, cerâmica, discos, bonecas etc** (vendidos no calçadão em benefício da PROMENOR).

Agora, segundo despacho de 1 de junho de 1984, seguiram pela companhia marítima “Baltimérica” 3 (três) tendas de socorro (5m por 5m), em nove fardos, com 411 kg de peso.

Em carta dirigida ao prefeito Dr. Dalto dos Reis, Erich Wischnewski — secretário da Nova Pátria — diz o seguinte:

“Prezado senhor “Oberbuergemeister”,

Por meio do certificado anexo, confirmamos a remessa de mais uma doação de solidariedade para a cidade de Blumenau. Trata-se de 3 tendas grandes. O despacho foi feito em princípio de junho, por via marítima, porto destinatário: Santos.

Com o certificado anexo, a carga poderá ser retirada no porto de Santos. Infelizmente não existe um porto de ultramar mais perto de Blumenau. (Nota do trad.: Aqui erra o secretário — existem os portos de São Francisco do Sul e de Itajaí).

Como mais uma ajuda à sua cidade que tanto sofreu, despacharemos nos próximos dias, duas máquinas de costura, destinadas aos Centros Sociais.

Prezado senhor Oberbuergemeister,

Em nome do presidente da nossa sociedade “Nova Pátria”, professor Hans-Peter Minetti, os nossos sinceros agradecimentos pelas suas palavras cordiais, recebidas de V. Exa. por ocasião da passagem do 35 aniversário de fundação da República Democrática Alemã.

Confirmamos de nossa parte, o desejo comum, de continuar o bom e auspicioso trabalho de cooperação, para o bem dos nossos povos.

Com a mais alta estima e consideração,

Erich Wischnewski
secretário

Berlim — 18 de junho de 1984”.

CINEMA EM BLUMENAU

Edith Kormann

(do livro "Histórico-sócio-cultural-artístico de Blumenau")

CINEMA DO TEATRO "CARLOS GOMES" — Como um Departamento da Sociedade Dramático-Musical "Carlos Gomes", registrado na Embrafilme como Cineclube, funciona em convênio com o Cineclube Carlitos, o Cinema do Teatro "Carlos Gomes", que começou suas exibições regulares no dia 23 de julho de 1983, logo após a grande enchente. O Cinema do Teatro "Carlos Gomes" utiliza projetores de 35 mm e 16 mm, possibilitando a exibição de filmes em ambas as bitolas. Funciona para o público em geral, porém os associados da S. D. M. "Carlos Gomes" pagam preços especiais. Possui 210 poltronas e ar condicionado e o filme de estréia foi "Os últimos dias de Hitler".

CINE CLUBE "CARLITOS" — Fundado no dia 15 de julho de 1974 tem entre os associados fundadores Carlos Braga Mueller, Alvacyr Ávila dos Santos e Norberto Cremer. O Cineclube "Carlitos" funcionou, inicialmente, na residência de Alvacyr Ávila dos Santos, ao lado da garagem, numa sala acarpetada com 23 poltronas estofadas. Atualmente funciona numa sala do Teatro "Carlos Gomes" com 33 poltronas e ar condicionado. O Cineclube "Carlitos" projeta filmes culturais de metragem normal e também curta metragem com o projetor I E C de 16 mm para sócios e convidados. Quando o Cineclube "Carlitos" funcionava na residência de Alvacyr Ávila dos Santos, após as sessões, havia debates sobre os filmes exibidos e confraternização entre os associados. O Cineclube "Carlitos" estreou com o filme "Os deuses vencidos".

JOSÉ JULIANELLI — nasceu no dia 19 de março de 1883 em São Constantino di Rivoli (Itália). Filho de Francisco e de Ângela Julianelli, veio para o Brasil (Rio de Janeiro) como mascate acompanhado de seu pai, que mais tarde regressou para a Itália deixando-o só no Brasil. Julianelli teve que lutar, e com muitas dificuldades adquiriu um tigre, expondo-o em troca de alguns tostões. Mais tarde formou o circo "Pavilhão Recreativo, entrando também em contato com a Pathé Frères, de Paris para fazer atuar junto ao circo um cinematógrafo, que foi o primeiro a atuar no Rio de Janeiro e que mais tarde foi vendido para Francisco Serrador. Alguns anos mais tarde foi lançado pela Pathé o "Vitaphone", cinema falado ou seja, a sincronização do filme com o gramofone, que funcionava com ar comprimido, pois na época não existiam amplificadores nem alto-falantes. O Pavilhão Recreativo posteriormente chamado de "Circo Variedades" era iluminado com gás de carbureto. Com a aquisição

de novo cinematógrafo, Julianelli comprou também um motor Aster à querosene com dinamo de 110 V, motor este, que também serviu para iluminar o circo e o arco voltaico do cinematógrafo. Julianelli também trabalhou em Curitiba como sapateiro, ocasião em que conheceu e casou-se com Anna Briss. Em seguida Julianelli viajou com o circo pelo Rio Grande do Sul e lá, Julianelli e Anna se naturalizaram brasileiros. No dia 28 de agosto de 1909 Julianelli estreou em Blumenau no Teatro S. José (antiga Casa S. José) com o seu cinematógrafo, atuando ainda como cinegrafista ambulante e cineasta, gravando importantes fatos históricos. Julianelli filmou os festejos dos 75 anos de Blumenau, Joinville e Brusque. Filmou a inauguração da estátua do Doutor "Fritz Mueller" em Blumenau, a ponte de Indaial e a ponte "Hercílio Luz" de Florianópolis, no dia em que foram inauguradas. Julianelli teve dois filhos do seu casamento com Anna Briss: Ângela que faleceu moça solteira e Francisco. Do casamento com Bertna Schill só teve um filho, Antônio. O filho Francisco trabalhou com Julianelli no circo desde menino, e também no cinema de Timbó, propriedade do pai, por muitos anos. Mais tarde o cinema de Timbó foi vendido para Felix Longo e Rigo, e atualmente pertence à família Mogk. Cessando suas atividades cinematográficas, Julianelli, que foi artista e dono de circo, dedicou-se a outros afazeres. Foi dono de uma linha de transporte de passageiros e carga entre Jaraguá do Sul, Blumenau e também Florianópolis. O caminhão-ônibus, um Ford-D, usado para o transporte, era aberto e sem portas, e quando havia um imprevisto ou excesso de passageiros e carga, funcionava também um Ford-bigode. A rodoviária, na época, funcionava na Casa S. José (onde hoje está localizada a praça prof. João Mosimann) e lá, Julianelli estacionava. De quando em vez, usava também a garagem do Hotel Holetz. Foi ainda dono de olaria, de fábrica de bebidas e fabricante de remédios. Faleceu no dia 20 de maio de 1972 aos 89 anos de idade no Hospital Santa Isabel de Blumenau. O seu falecimento foi noticiado pelo jornal "A Nação".

Novas doações de livros para nossa Biblioteca

No decorrer do mês de junho, novos doadores vieram somar-se aos numerosos que já registramos aqui, que ofereceram valiosas obras à nossa Biblioteca, contribuindo com isso para a recuperação total do acervo cuja parcela ficou perdida com a enchente do ano passado.

Dentre os doadores, é de jus-

tiça ressaltar a doação feita pelo Revmo. Pe. Raulino Reitz, que acaba de editar uma das mais extraordinárias obras de sua carreira de botânico de reconhecida capacidade. A obra em apreço, que tem como título "Bromeliáceas" e como sub-título "E a Malária — Bromélia Endêmica", traz ainda observações ecológicas e

notas endemiológicas de autoria do cientista Roberto Miguel Klein. O livro está impresso em 808 páginas, contendo 140 estampas e 106 mapas. Trata-se, enfim, de uma obra prima tanto na arte litográfica (fotos coloridas), impressão e encadernação, como, e especialmente, no conteúdo de um trabalho de valor inestimável para os estudiosos da nossa conhecida "parasita" que tanto e tão bem ornamentam a nossa flora e que apesar de sua beleza, é, por imposição da própria natureza, o reduto de vida e proliferação do "anopheles", portador do vírus da malária. Tanto assim que o botânico Raulino Reitz é muito conhecido na região intericrana em que desenvolveu sua maior atividade de pesquisa, pelo nome indicativo de "Padre dos Gravatás".

Além do precioso livro ora ofertado, Padre Raulino Reitz doou ainda mais 3 livros de sua autoria, o que veio enriquecer sobremaneira a estante dos autores catarinenses da nossa Biblioteca. Os interessados em possuir esta obra notável — "Bromeliáceas", poderão fazer seus pedidos ao Herbário "Barbosa Rodrigues", na Avenida Marcos Konder, 800, em Itajaí, pelo preço de Cr\$ 32.000,00. O endereço particular do autor é: Raulino Reitz — Caixa Postal, 30 — 88.220 — Itajaí — SC.

Também registramos com sa-

tisfação o recebimento, por doação, dos seguintes livros: De dona Vitória Dutra, 15 volumes; de Wilfried Krambeck, 5 volumes; de Hamilton Augustin, 3 volumes; Rosemarie Hahne, 04 livros; Rolf O. W. Lauterjung, 26 livros; Guinherme Becker, 01 volume; Mário Bonatti, 11 volumes; Sociedade Ciência Cristã de Blumenau, 10 volumes; Consulado da República Federal da Alemanha, 08 volumes; Nair Araújo, 12 volumes; Doralécio Soares — Presidente da Comissão Catarinense de Folclore, 01 Boletim nº. 35-36 — Ano XXI; Elmo Frech, 26 volumes; Maria Arlete Mendes Pagel, 06 volumes; Abegair da Silva Braun, 09 volumes; Carlos Ubiratan Jatay, 40 volumes; Frederico Capello, 25 volumes; Herbert Roland Schlinwein, 13 volumes; Dr. Lourival H. Saade, 125 volumes; Cia. Comercial Schrader, 17 volumes; 4ª. UCRE — Prof. Valmor Buss, 716 volumes e 76 revistas; Ingo Germer — Prefeito de Timbó, 02 fascículos; Gov. do Est. — pelo Secretário Artanir Werner, 782 volumes; Maria da Conceição Cuia de Caetano, 01 volume; Francisco Siqueira, 132 volumes; Herbert Holeiz, 06 volumes; Associação do Espírito Santo para a Unificação do Cristianismo Mundial, 03 periódicos e 01 Revista.

Total de obras doadas à Biblioteca: 2.076.

CREMER Produtos têxteis e cirúrgicos. Conserva através dos anos o conceito de qualidade superior no que fabrica, garantindo com isso um permanente mercado absorvente nas Américas e noutros continentes, levando em suas etiquetas o nome de Blumenau.

Fidelidade absoluta na recuperação do Museu da Família Colonial

Desde o dia 11 ultimo o Museu da Família Colonial já pode ser visitado pela população regional e pelo grande número de turistas que chegam à cidade neste mês de julho. Fechado desde o ano passado (julho), quando as águas da fatídica enchente subiram a quase dois metros em seu interior, O Museu volta a reabrir suas portas à comunidade. Nos serviços de restauro nada foi modificado ou violado. Tanto as linhas e formas arquitetônicas (enxaimel) dos dois prédios que compõem o complexo museológico, como seu rico acervo histórico, foram recuperados com total e irrestrita fidelidade. Todo o patrimônio foi preservado em sua essencialidade e memória históricas.

MANIFESTAÇÕES

Na solenidade de reabertura do Museu várias autoridades manifestaram-se oralmente: prefeito Dalto dos Reis, Gert Hofmann — diretor presidente da Tabacos Brasileiros Ltda., Antônio P. Nunes - Secretário de Turismo, Rui Mourão — Coordenador do Programa Nacional de Museus, e José Gonçalves — diretor executivo da Fundação "Casa Dr. Blumenau". Todos os que usaram da palavra foram unânimes em ressaltar a iniciativa da empresa Tabacos Brasileiros (que patrocinou a recuperação dos prédios) e do Programa Nacional de Museus (orientação na remontagem do acervo) que, sensibilizados com os apelos da Fundação "Casa Dr. Blumenau", restauraram aquele valiosíssimo patrimônio cultural, um dos maiores e mais fortes marcos da história da cidade fundada pelo Dr. Hermann Bruno Otto Blumenau.

Do discurso do Dr. Rui Mourão reproduzimos o segmento onde revela a nova forma de mecenato aplicado atualmente: "... Ao nosso lado (Programa Nacional de Museus) esteve a firma Tabacos Brasileiros, que se responsabilizou pelo esforço financeiro de maior envergadura. Mais uma vez portanto, assistimos a feliz aliança entre empresários e administradores públicos para a atuação na área cultural. Trata-se de um novo tipo de mecenato que, condicionado pelas novas condições do mundo moderno, não privilegia este ou aquele artista isolado mas a sociedade como um todo. O fenômeno é dos que de fato merecem ser estimulados: ao mesmo tempo em que comprova a conscientização crescente dos homens da indústria e do comércio com relação às suas obrigações sociais, demonstra o alto estágio de evolução a que está atingindo a classe capitalista no Brasil. Na verdade, só um grande apuro de sensibilidade e uma superior compreensão dos objetivos finais da existência humana podem fazer com que dirigentes de organizações de objetivos meramente lucrati-

vos comecem a interessar-se por projetos de uma só área, que não visa nenhum rendimento a curto prazo, porque a sua meta é o desenvolvimento da sociedade como um todo..."

O Museu da Família Colonial pode (deve) ser visitado das terças às sextas-feiras das 8 às 17 horas e sábados e domingos das 10 às 15 horas.

AUTORES CATARINENSES

ENÉAS ATHANÁZIO

"O Sétimo Dia"

Neste novo livro de Artêmio Zanon há contos para todos os gostos. Mostrando sua técnica no manejo do gênero, produziu um punhado de estórias — a muitas ele denomina *cases* — de tendências as mais variadas. Umás podem enquadrar-se como regionais, outras como policiais e numa delas, pelo menos ("O caso Zaneide Rosas"), suspeito até de um "conto de chave", assaltando-me a curiosidade de identificar quem serviu de modelo aos seus personagens. A inclinação para o trágico, presente em diversos contos, encontra equilíbrio no humor meio marotoque consegue infundir à narrativa.

Mas é interessante observar como o contista é seguro em todos eles. Nos contos regionais, vividos num meio colonial, as personagens não apenas agem mas também falam de acordo com o seu meio, usando uma linguagem repleta de expressões próprias da atividade agrícola. Naqueles de tendência policial, cujo palco é a cidade, ele usa, igualmente, o linguajar próprio e mesmo alguma gíria. Sem falar nos subentendidos e surpresas de que lança mão nos seus enredos e que tanto sabor dão a essa ver-

tente do conto. Consegue penetrar a alma simples do colono e a psicologia sedição do malandro ou do conquistador numa versatilidade difícil de encontrar. Nos casos da roça chamam a atenção os nomes e apelidos com que batiza suas figuras: são típicos e coerentes.

No conjunto, porém, Artêmio Zanon se revela um escritor serrano, marcado de forma indelével pelas origens. Traz bem vivas dentro de si as características do homem de Serra-Acima e elas se manifestam na sua linguagem, na formação das frases, em muitas expressões próprias, na reação dos personagens e num inumerável rol de minúcias que definem o filho do Planalto, ainda que depois de longas ausências.

O estilo de Zanon é muito pessoal. Ele escreve com desenvoltura, como quem está no à vontade de sua própria casa. Por isso ele não se tortura no ato de escrever. Suas estórias vão nascendo com naturalidade, colhidas na própria vida, com a expressão despojada se rebuscamentos e tão crua como tantas vezes se apresenta na realidade. Trata-se, enfim, de um livro que a gente lê com prazer e admiração pelos múltiplos recursos do contista.

— DIA 1º. — A imprensa (JSC) noticia uma onda de gripe que atacou Blumenau nos últimos dias, lotando os hospitais da cidade.

* *

— DIA 1º. — Teve início a Semana do Meio Ambiente em todo o país. Em Blumenau foram programadas várias solenidades que se estenderam até o dia 6.

* *

— DIA 1º. — Como parte das comemorações da Semana do Meio Ambiente, a firma Lancaster S/A Beneficiamento Têxteis, inaugurou seu sistema antipoluição, com o tratamento de efluentes líquidos.

* *

— DIA 2 — Em solenidade religiosa realizada na Igreja Evangélica de Fortaleza Alta, cercado pelo carinho de seus numerosos descendentes e pessoas amigas convidadas, o casal Alberto e Frieda Wruck comemorou a passagem dos seus 60 anos de feliz consórcio. O feliz acontecimento foi mais tarde festejado no Clube de Caça e Tiro Fortaleza, aonde reuniram-se cerca de 400 convidados, a maioria descendentes. O casal Alberto e Frieda Wruck, que reside no bairro de Fortaleza há 50 anos, possui 2 filhos, 15 netos e 35 bisnetos, por sinal todos vivos.

* *

— DIA 2 — No bairro do Salto Weissbach, o prefeito Dalto dos Reis presidiu solenidade em que foi aberto um novo loteamento que comportará inicialmente 54 lotes, como parte do Projeto Habitacional que a prefeitura vem desenvolvendo com recursos provenientes da Alemanha.

* *

— DIA 4 — Com a presença do prefeito Dalto dos Reis e assessores, foi inaugurado o "estacionamento rotativo cobrado", no terreno pertencente ao Banco Safra e localizado em frente ao Hotel Rex, à rua 7 de Setembro. Toda a renda do estacionamento, que comporta

74 veículos entre automóveis e ônibus, reverterá em benefício da PROMENOR.

* *

— DIA 5 — Dentro da programação da Semana do Meio Ambiente, o prefeito Dalto dos Reis, juntamente com assessores, convidados e a família do homenageado, inaugurou, no Horto Florestal da Prefeitura, em Salto Weissbach, o Horto Florestal "Udo Schadrack", numa justa e oportuna homenagem à figura do saudoso cidadão recém-desaparecido do nosso meio e que durante sua vida prestou assinalados serviços à comunidade e em defesa da natureza.

* *

— DIA 12 — Chegou a Blumenau em rápida visita, o ministro da Educação do Estado da Renânia do Norte (Westfália, República Federal da Alemanha), sr. Hans Schwier. O ilustre visitante foi recebido pelo prefeito Dalto dos Reis, visitou entidades culturais, tendo à noite sido homenageado com um jantar pelo consulado honorário de Blumenau. Sexta-feira prosseguiu viagem com destino a Joinville, em cuja cidade também cumpriu programa de visitas.

* *

— DIA 14 — Relatório entregue ao prefeito municipal pelo Serviço de Trânsito da SOSU, registra que durante o mês de maio ocorreram 284 acidentes nas ruas de Blumenau, dos quais 71 com danos pessoais, ocasionando ferimentos em 87 pessoas e a morte de outras duas.

* *

— DIA 17 — Segundo relatório entregue pelo SAMAE ao prefeito Dalto dos Reis, aquele Serviço implantou, em maio, 4.349 metros de rede em extensão, do que resultaram 115 novas ligações domiciliares, beneficiando 580 pessoas.

* *

— DIA 17 — Com a presença do prefeito Dalto dos Reis e assessores além de numeroso público, foi inaugurado, às 9 horas o gabinete odontológico da E. B. Municipal "Prof. Oscar Unbenhaun",

LOJAS HERING S.A. Representa não só o espírito empreendedor como também solicitude, educação e sociabilidade de que caracterizam tão bem a tradicional formação da gente blumenauense.

situada à rua Garopaba, no bairro Água Verde e que tem na direção o prof. Waldir Petry. O custo da instalação foi orçado em 5 milhões de cruzeiros, encampado pela Prefeitura e pela Associação de Pais e Professores daquele educandário. O Gabinete foi denominado de "Dr. Ivo Mosimann".

* *

— DIA 23 — Foi inaugurada, às 16 horas, a Escola Reunida Municipal "Profa. Norma Dignart Huber", localizada na rua Coripós, no bairro Escola Agrícola. O prefeito Dalto dos Reis presidiu o ato e todos os 100 alunos que já frequentavam a escola estiveram presentes, além de populares e convidados. A escola começou com as séries 1^a. à 3^a., do 1^o Grau, e as aulas são ministradas por três professores.

* *

— DIA 25 — Três exemplares da revista "Europa", editada na Alemanha Federal, foram enviados pelo prefeito Rolf Gerich, da cidade de Weingarten, ao prefeito de Blumenau. A revista traz matéria sobre a cidade de Blumenau, enfocando a personalidade do fundador, assim como dados referentes à economia, cultura do município, e também os efeitos das catastróficas enchentes de 1983.

Do Governador do Estado-Livre da Baviera, ao Prefeito de Blumenau

"Muenchen (Munique), 7.5.84

Exmo. Snr. Prefeito
Dr. Dalto dos Reis
"Prefeitura Municipal"
89100 Blumenau (SC)
Brasil

Prezado Senhor Prefeito,

Meu "Muito Obrigado!" pelas suas amáveis linhas que acabo de receber do longínquo Brasil. De sua carta — com data de 11 de abril de 1984 — posso deduzir, que apesar da distância do espaço que nos separa, os laços que unem a sua cidade e seus habitantes à sua antiga pátria, continuam inquebráveis. Isto é para mim uma grande satisfação, bem como admiro a sua tenacidade e a vontade de reconstruir após as grandes cheias do ano passado.

Bem gostaria eu de poder aceitar o seu cordial convite para

visitar o Sul do Brasil, durante as festividades da "Semana do Imigrante", no mês de julho. Mas, a meu grande pesar, os meus múltiplos compromissos como governador, e, adicionalmente este ano ainda como Presidente do Conselho Federal da República, não me permitem de visitar a cidade de Blumenau. Isto me aborrece bastante, também pelo fato de eu até hoje — em toda a minha carreira — não tive ainda a oportunidade de entregar ao tráfego uma rua que se chamasse "Rua Muenchen".

Mas adiado, não significa cancelado! — Seria um grande prazer para mim, se algum dia pudesse recuperar, o que estarei perdendo este ano, no mês de julho. Pois não é somente a sua bela cidade de Blumenau, que goza aqui de uma ótima reputação, mas também o talento invejável dos brasileiros que sabem festejar as suas festas, adquiriu aqui uma grande fama: Os seus alegres cortejos — as suas bandinhas de música — o tom do samba e a sua animação e impressionante alegria.

É neste sentido que desejo a V. Excia. e seus munícipes as festas da "Semana do Imigrante".

Cordiais saudações,
Franz Josef Strauss".

Tradução do alemão:

Alfredo Wilhelm — 15.5.1984

(Correspondente em idioma alemão do Gabinete do Prefeito)

Franz Josef Strauss — Governador do "Estado-Livre da Baviera", na República Federal da Alemanha, é uma das personalidades mais famosas e populares daquele país, tendo por diversas vezes ocupado os mais altos cargos, como "Ministro da Defesa" etc.

Muenchen (Munique), Capital da Baviera — famosa pelo seu "Oktoberfest". Já foi sede das Olimpíadas.

DIÁRIO DE VIAGEM DO IMIGRANTE PAUL SCHWARTZER

(Continuação do número anterior)

Quinta-feira, 7 de janeiro de 1864

Hoje percorri a comunidade para cobrar meu dinheiro atrasado, da escola e da igreja.

Também fiz minha mudança hoje, da casa da escola para Rheinbrecht, onde ficarei alojado até nossa partida.

Ainda não estou em acordo comigo mesmo, se vou para Dona

Francisca ou para Buenos Ayres. Meu coração puxa mais para meus pais em Dona Francisca, e minha razão me aconselha ir para Buenos Ayres. Que Deus me deixe encontrar a resolução acertada.

Sábado, 9 de janeiro de 1864

Hoje chegou aqui F. Rheingantz para acertar as contas com os colonos e mandou me chamar, para o ajudar.

Depois de tudo acertado eu disse que também queria acertar com ele, o que então também aconteceu e pedi, por ter cuidado de seus negócios durante dois meses 32 mil réis (1 onça), com o que ele também concordou, o que veio completamente inesperado e causou-me bastante alegria, pois não acreditava que ele seria compreensível até este ponto. F. Rheingantz alertou-me quando me despedi, que eu estava errando em deixar a colônia e abandonando minha colocação, porquanto ele só queria o meu bem, etc, pelo que lhe expus as minhas razões e despedi-me.

(18) Agora fiquei alojado ainda com Rheinbrecht até

Segunda-feira, 2 de fevereiro de 1864,

Quando cavalgamos até um dos colonos mais na frente e ficamos nesse até quarta-feira, 4 de fevereiro. Alguns dias antes nós, isto é Rheinbrecht e eu, tínhamos feito um passeio a cavalo até Bufon ou São Capello, poucas milhas distante.

Quarta-feira, 4 de fevereiro de 1864

Deixamos a colônia, viajando em uma carroça e chegamos ao anoitecer em Barra do São Lourenço.

Aqui fiquei alojado em uma pensão e fui convidado muitas vezes pela família Rheingantz, e sempre recebido com muita amabilidade e bem servido. À noite tocava-se música e havia diversões.

(18) Escrito na colônia Brusque.

Também me foi oferecido pelo professor particular, o qual em breve iria casar com a irmã do Rheingantz, o cargo do mesmo como seu sucessor e eu deveria apenas aguardar a volta do Rheingantz de Rio Grande para dele ouvir maiores detalhes.

Mas agora eu tinha mais perto do coração o bem-estar com a vinda de meus pais, e não pude concordar com este entendimento.

Segunda-feira, 9 de fevereiro

Tive oportunidade de participar de uma caçada a um jaguar, que foi visto por um caçador dias atrás nesta região, na praia do Lago de Los Patos. Em consequência disto reuniram-se todos os caçadores das cercanias para esta caçada e como o professor particular do Rheingantz havia sido convidado, animou-me a acompanhar também esta excursão. Havia sido determinado um lugar, no qual os caçadores se reuniriam; quando todos eles estavam juntos partiu o

pelotão e agora íamos por uma região selvagememente romântica, ora por arbustos em sebe e áreas arenosas povoadas de cactus, ora outra vez na praia marítima por pântanos com junco da altura de um homem, etc, um negro com uma infinidade de bons cachorros cavalgava na frente para descobrir o jaguar em seu esconderijo.

Desta maneira chegamos finalmente ao local onde o jaguar foi visto no dia anterior e vimos as pegadas bem frescas das enormes patas da fera; dele mesmo não havia mais vestígios. Mas os caçadores queriam prosseguir a caçada até que tivessem liquidado o grande gato.

Por esta vez tivemos de voltar sem nenhuma presa e o assunto não liquidado.

Terça-feira, 10 de fevereiro de 1864

Pela noite embarcamos finalmente na fragata que estava destinada a nos levar para Rio Grande, para o que, entretanto, até agora o vento sempre estava desfavorável. Despedi-me do meu hospedeiro e da família Rheingantz e fui para bordo da fragata. Mas o vento ainda não quis ser favorável e resultou daí que nós somente chegamos a Rio Grande à tarde de **sábado, 14 de fevereiro de 1864** onde eu e Rheinbrecht, arranjamos uma acomodação com um alfaiate alemão, pelo qual fui recebido amavelmente.

Domingo, 15 de fevereiro

Fiz, com meu hospedeiro, um pequeno passeio nos arredores de Rio Grande e o mesmo guiou-me para os cemitérios da cidade que, se esta região não fosse tão arenosa, seriam bem bonitos.

Olhávamos os monumentos e inscrições e eu me admirava do costume dos nativos em colocarem seus mortos em covas cimentadas, de tal forma que surgiam longas fileiras destas covas, o que me lembrou das catacumbas de Roma, só com a diferença de que as daqui eram sobre o solo. Quando estávamos para deixar o cemitério, notamos um carro de construção especial com 2 cavalos, chegar apressado. O velho coveiro nos deixou imediatamente para buscar seu ajudante e ferramentas; enquanto isso havia-se descarregado a carga do carro e aberta a mesma, e assim nós vimos, para nosso maior espanto, um suicida.

Era um mulato com cabelo e barba grisalhos, bem vestido, o qual tinha-se suicidado com um tiro de pistola e a camisa sobre o peito estava chamuscada e o peito mesmo escurecido pela fumaça da

SUL FABRIL Um nome que todo o Brasil conhece porque é etiqueta das mais afamadas confecções em malhas de qualidade inconfundível e que enriquece o conceito do parque industrial blumenauense.

pólvora. Sobre o coração achava-se uma ferida aberta pela qual a bala havia penetrado e morto instantaneamente.

Quando a cova ficou pronta o cadáver foi deitado nela sem nenhuma cerimônia e esta foi fechada.

Não longe do lugar tive oportunidade de presenciar uma pequena corrida, quando estava voltando com meu hospedeiro para a cidade.

Segunda-feira, 16 de fevereiro de 1864

Hoje fui buscar meu passaporte, comprei minha passagem para o vapor, pela qual paguei 20 mil réis. Após haver tratado disto, encontrei um alemão, o qual me participou que um jovem tinha uma carta para mim, de meus pais, de Dona Francisca. Fui ter com ele e obtive uma carta, na qual meus pais escreviam-me que estavam gostando de Dona Francisca, mas que eu deveria encontrar uma solução para que nós nos reuníssemos novamente. Fiquei muito contente em receber novamente uma carta dos meus pais e fui assim encorajado ainda mais em minha resolução de viajar para Dona Francisca.

Enquanto isto já estava em tempo de ir para o vapor. Procurei carregador para minha bagagem e fui ao encontro dos Rheinbrecht para me despedir e agradecer por toda amizade que demonstraram a mim. Fui ainda até minha hospedeira e perguntei o que deveria pagar pelo alojamento, mas para minha surpresa ela não quis cobrar nada. Fiz então às crianças um pequeno presente em dinheiro e após ter renovado meus agradecimentos, fui para o vapor, o qual fazia a viagem até Rio de Janeiro. Era um vapor magnífico e bem grande, que levava muitos passageiros. Meia hora depois de minha chegada foi levantada a âncora, a máquina se pôs em movimento e saímos de Rio Grande para o mar. Entre os passageiros encontrei um companheiro alemão na pessoa de um relojoeiro, um jovem no qual logo reconheci ser rapaz sério e agradável. Ficamos à vontade um com o outro e permanecemos durante toda a viagem juntos. O tempo estava nublado e ficou um pouco tormentoso durante a noite, de modo que tivemos mar agitado. As camas preparamos, no convés, não longe da máquina, mas fomos logo enxotados pela água que jogava-se em vagalhões e se acumulava no convés, de tal modo que tivemos uma noite bem tranqüila. No outro dia,

Terça-feira, 17 de fevereiro de 1864

Tivemos constantemente mar agitado e meu companheiro sentia muito enjôo, ao contrário de mim que sentia-me durante toda a viagem muito bem. Não demorou muito e avistamos a costa montanhosa pela qual passávamos ao largo e sempre nos aproximávamos mais. Era uma vista maravilhosa, as cadeias montanhosas magestosas aos pés das quais as ondas quebravam. Enquanto isto víamos pequenos grupos de ilhas cobertas com uma faixa verde e que delicadamente

contrastavam com o inquieto mar cinzento. Assim passávamos o tempo, nesta sucessão de belezas naturais, e nossa admiração cresceu ao máximo quando ao anoitecer, estávamos próximos da ilha de Sta. Catarina. Navegávamos entre magníficas ilhas que se erguem, parte como morros que se elevam suavemente, parte como rochas abruptas, do mar, e todas cobertas com verde e cheias de viçosas palmeiras, o que aumenta consideravelmente sua beleza. Enquanto tínhamos à direita e à esquerda estas magníficas ilhas, das quais uma sempre era mais bonita do que a outra, elevavam-se diante de nossas vistas as gigantescas montanhas do continente, cujo azul mal dava para distinguir do azul do céu (o qual aos poucos foi ficando mais claro) e cujos cumes se perdiam nas nuvens. Assim viajávamos completamente imersos na contemplação e enquanto o sol poente avermelhava o céu entre a ilha Sta. Catarina e o continente. Aqui o braço estreito de mar também estava coberto por encantadoras ilhas sobre as quais se viam brilhar entre o verde, pequenas casinhas brancas, também na ilha de Sta. Catarina, tanto perto da praia como também nas encostas dos altos morros, casas isoladas ou em grupos. Assim alcançamos aos poucos o porto de Sta. Catarina, o qual na sua magnífica situação, agora iluminado pela lua, nos encantava. Das casas, brilhavam luzes que se refletiam na água calma.

Tínhamos, porém, como já era muito tarde, de passar mais uma noite no vapor.

(Continua)

O Museu está sendo muito visitado

Depois das solenidades de reabertura do Museu da Família Colonial, ocorrida no dia 11 do mês corrente e quando cerca de 200 pessoas compareceram para prestigiar o acontecimento e conhecer a nova roupagem desta nossa casa histórica, tem sido das mais alvissareiras a frequência do público em visita ao Museu.

Não somente os turistas que chegam a Blumenau desde o dia 11 de julho mas também os blumenauenses, têm comparecido em elevado número, despertados que foram pelas notícias da completa renovação do sistema de mostruário e que, realmente, atende aos mais modernos requisitos da técnica museológica contemporânea.

As manifestações dos visitantes têm sido das mais favoráveis o que deixa a certeza de que todo o empenho desenvolvido após as

KARSTEN Mais de cem anos conceituando a indústria têxtil blumenauense e gerando divisas para o país pela volumosa exportação de produtos da mais alta qualidade.

enchentes para a restauração das duas casas do Museu e a instalação de um novo sistema museológico, justificam-se plenamente.

Para que se possa aquilatar da importância que o Museu da Família Colonial significa para o público em geral, basta informar que, a partir do dia 11 de julho e até o dia 26, portanto em apenas 15 dias de portas abertas, tivemos a visita de, exatamente, 777 pessoas o que diz bem do interesse despertado pelo Museu ora restaurado.

Do Prefeito de "Stuttgart" ao Prefeito de Blumenau

Recentemente apresentou-se em nossa cidade, no "Teatro Carlos Gomes" — com grande sucesso — o coral "Stuttgarter Vokalensemble" da República Federal da Alemanha. — O coral trouxe em mãos uma carta do prefeito de Stuttgart sr. Manfred Rommel e dirigida ao prefeito blumenauense Dr. Dalto dos Reis. Eis a carta, traduzida pelo sr. Alfredo Wilhelm, correspondente em idioma alemão do Gabinete do Prefeito:

"10 de abril de 1984

Prezado Senhor Colega,

Em nome da cidade de Stuttgart (Capital do Estado) e em meu próprio nome, transmito por meio desta, os meus melhores e cordiais cumprimentos à cidade de Blumenau, fundada no século passado por emigrantes alemães.

Em outubro do ano passado a cidade de Stuttgart dirigiu um apelo a seus munícipes, para ajudarem a sua cidade — tão duramente atingida pelas catastróficas enchentes.

É a minha esperança, que os maiores estragos já foram remediados.

O "Stuttgarter Vokalensemble" (coral) — em sua tournee pelo Brasil, apresentar-se-á também em sua cidade, dando um concerto

HABITASUL É um nome que sugere poupança e que o blumenauense tem prestigiado com sua preferência porque acredita na garantia que oferece.
--

no "Teatro Municipal" e cuja renda reverterá em favor dos atingidos pelas enchentes.

Desejo-lhes um ótimo decorrer do espetáculo e tudo-de-bom para V. Excelência.

Cordiais Saudações,
atencioso e obrigado

MANFRED ROMMEL"

Biblioteca "Dr. Fritz Müller" atende em outro local

No dia 26 do corrente mês a Biblioteca Pública "Dr. Fritz Müller", administrada pela Fundação "Casa Dr. Blumenau", passou a atender o público usuário em outro local. Trata-se do prédio da Sociedade Beneficente Humânitas, pavimento térreo, para onde foram transportadas as estantes e todo o acervo de livros que assim continuarão à disposição dos leitores e dos pesquisadores, como usualmente o faziam no antigo prédio.

A mudança é a primeira providência adotada pela direção da instituição para que seja dado início à demolição da antiga casa que abrigava o acervo para, no espaço existente, ser construído o novo prédio de dois pavimentos superiores que então abrigará novamente, no térreo, a Biblioteca e nos dois superiores o Arquivo Histórico.

Como se sabe, a Fundação "Casa Dr. Blumenau" disporá, quando do estabelecimento do cronograma de construção, de substancial verba já comprometida pela Albany Indústria e Comércio Ltda., filial de Blumenau, no valor de 5.000 ORTNs e o manifesto propósito de outras empresas de dar cooperação para a concretização da obra de tamanha importância na preservação da cultura histórica da cidade e da região.

Por isso que, dentro dos próximos trinta dias, a demolição da antiga deverá acontecer e em cerca de 60 dias poderá ter início a construção do novo prédio.

Assim, enquanto se processarem estes trabalhos de construção, a Biblioteca "Dr. Fritz Müller", como já foi dito, atenderá à Rua Alvim Schrader nr. 100, que é a rua situada aos fundos da sede da CELESC.

MAJU

Pela alta qualidade das confecções em malhas que produz, tornou-se uma empresa de vanguarda nas exportações e no mercado brasileiro, e orgulho da indústria têxtil blumenauense.

FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Instituída pela Lei Municipal Nº. 1835, de 7 de abril de 1972

Declarada de Utilidade Pública pela Lei Municipal nº. 2028 de 4/9/74

Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal, 425

89100 B L U M E N A U

Santa Catarina

Instituição de fins exclusivamente culturais

São objetivos da Fundação:

Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;

Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;
Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;

Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;

Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;

Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;

A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações.

A Fundação "Casa Dr. Blumenau", mantém:

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"

Arquivo Histórico — Museu da Família Colonial

Horto Florestal "Edite Gaertner"

Edita a revista "BLUMENAU EM CADERNOS"

Tipografia e Encadernação

Conselho Curador: Presidente — *Afonso Rabe*; vice-presidente — *Antonio Pedro Nunes*.

Membros: *Elimar Baumgarten — Rolf Ehlke — Nestor Seára Heusi — Ingo Wolfgang Hering — Martinho Bruning — Urda Alice Klueger — Frederico Blaul — Frederico Kilian — Olivo Pedron.*

Diretor Executivo: *José Gonçalves*

MUITA GENTE QUE FEZ A HISTÓRIA COLONIZADORA EM NOSSA REGIÃO, JÁ VESTIA A MACIEZ DAS CAMISETAS E ARTIGOS HERING.

QUANDO SE FALA NA HISTÓRIA DE NOSSOS PIONEIROS, LEMBRA-SE DOS IRMÃOS HERING, QUE HÁ MAIS DE CEM ANOS INSTALARAM A PRIMEIRA INDÚSTRIA TÊXTIL EM BLUMENAU.

HOJE "BLUMENAU EM CADERNOS" E A HERING TÊM MUITO EM COMUM. ACREDITAMOS NA NOSSA TERRA E NOS VALORES DA NOSSA GENTE.



Cia. Hering
BLUMENAU - SANTA CATARINA